

Prática Pedagógica de um Professor que ensina matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

Práctica pedagógica de un docente que enseña matemática en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en una escuela de campo

Vinicius Ramos Nascimento

Jonson Ney Dias da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Vitória da Conquista/BA/Brasil

Joubert Lima Ferreira

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Barreiras/BA/Brasil

Resumo

O presente artigo visa investigar como ocorre a prática pedagógica de um professor que ensina matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo. Partindo de um paradigma qualitativo, os dados foram produzidos através de uma entrevista realizada com um professor que leciona em uma escola municipal no Assentamento Canguçu que está localizada há cerca de quinze quilômetros da cidade de Barra do Choça, no sudoeste da Bahia. Os resultados deste estudo apresentam algumas características e alguns desafios da EJA no contexto do campo e por meio dela a descrição da prática em sala de aula. Acredita-se que esse trabalho pode trazer reflexões para discussão sobre formação iniciais e continuadas de professores que lecionam matemática no contexto da EJA no Campo.

Palavras-chave: Prática Pedagógica; Ensino de Matemática; Educação de Jovens e Adultos.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo indagar en la práctica pedagógica de un docente que enseña matemáticas en Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en una escuela de campo. Partiendo de un paradigma cualitativo, los datos se produjeron a través de una entrevista a un docente que enseña clases en una escuela municipal de Asentamiento Canguçu, que se encuentra a unos cuartos de kilómetros de la ciudad de Barra do Choça, en el suroeste de Bahía. Los resultados de este estudio muestran algunas características y desafíos de EJA en el contexto del campo y a través de su descripción de la práctica en clase. Se cree que este trabajo puede traer reflexiones para la discusión sobre la formación inicial y continua de los docentes que enseñan matemáticas en el contexto de EJA en el campo.

Palabras-claves: Práctica pedagógica; Enseñanza de las matemáticas; Educación de jóvenes y adultos.

Prática Pedagógica de um Professor que ensina Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

Introdução

O acesso gratuito à educação de qualidade, apesar de ser um direito garantido por lei, preserva-se restrito a uma parte da população. Enquanto isso, a outra parcela convive com uma realidade que não garante os mesmos direitos e por vezes desestimulam os estudantes a continuarem nos estudos, seja por motivos sociais ou financeiros. Para aqueles que moram no campo, a situação é ainda mais complicada, devido à ausência de políticas públicas como um currículo que atenda às necessidades do campo e de uma educação que contemple as características do povo, ou seja, que respeite a cultura e que proponha mudanças na vida dos alunos e que traga o que é vivenciado por eles para a sala de aula.

Soma-se ainda a ausência de uma formação (AUAREK; VISEU, 2017), seja inicial ou continuada, para os professores e de projetos voltados à educação do campo, o que traria impactos positivos nesse meio. A exemplo, temos a matemática, que apesar de fazer parte da vida cotidiana das pessoas por meio de seus usos sociais, é vista de forma negativa pelos alunos e muitas vezes rotulada como a matéria mais temida na escola (SANTOS, 2008; SOUZA; YAEGASHI; ROJAS; GASPARIN, 2021). Ela, quando bem planejada, pode se tornar uma ponte que associa o conteúdo trabalhado na sala de aula com o que é vivenciado pelos alunos no seu dia a dia, principalmente no cotidiano do campo.

Portanto, pensando nesse contexto, nos interrogamos: como ocorre a prática pedagógica de um professor que ensina matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo? Reescrevendo a nossa interrogação em forma de objetivo, buscamos investigar como ocorre a prática pedagógica de um professor que ensina matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo.

A seguir, serão discutidos alguns conceitos relevantes sobre o ensino de matemática na EJA e posteriormente mostraremos o resultado da investigação realizada por meio da análise de um questionário respondido por um professor que atua, até o momento da escrita deste trabalho, na Educação Matemática de Jovens e Adultos do Campo. Ele foi convidado a compartilhar um pouco da experiência de sua prática em sala de aula, destacando os desafios, as dificuldades e sua perspectiva sobre a educação matemática do campo. A entrevista foi feita por meio de um aplicativo de mensagens, devido a pandemia do Covid-19 e o questionário fora composto por 14 questões, na qual, sete delas estavam voltadas à prática do professor e a alguns aspectos dessa modalidade.

Educação do Campo e Educação (Matemática) de Jovens e Adultos

A educação do campo é uma educação formal voltada às pessoas que vivem no campo. De acordo com Caldart (2004), essa educação do campo pode ser compreendida como fenômeno social constituída por aspectos culturais, políticos e econômicos. Não é uma educação voltada apenas para a produção, pois o campo é um lugar habitado por pessoas que desempenham papéis sociais, possuem uma cultura rica e diversificada e buscam por meio da educação uma capacitação profissional ou a realização do sonho de aprender a ler e escrever (CALDART, 2004).

Para Munarim (2010, p. 15), a educação do campo “é uma concepção de educação forjada a partir da luta pela terra e por políticas públicas empreendida pelos movimentos e organizações sociais do campo”, ou seja, é consequência de lutas de diversos movimentos sociais, de comunidades rurais, de pequenos agricultores, de indígenas, de quilombolas, etc. Essas organizações têm como objetivo exigir do estado o direito por uma educação digna e de qualidade. Durante os governos petistas (2003 – 2016), conseguiram aos poucos, e alguns resultados puderam ser vistos, como: a construção de mais escolas no campo; a oferta de ensino profissionalizante em comunidades rurais; o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), que tem como principal objetivo apoiar cursos desde a alfabetização até a pós-graduação para promover o desenvolvimento; e o Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC), que tem aumentado o processo de articulação entre diversas organizações e tem sido um instrumento de fortalecimento das políticas públicas para a educação do campo.

Cabe ressaltar que o golpe de 2016 e a consequente eleição presencial de 2018 provocaram um dismantelo nas políticas educacionais, sociais e econômicas, o que tem impactado diretamente o que vinha sido construído enquanto política voltada à educação do campo. O FONEC apresenta discussões pautadas nos direitos em diversos âmbitos da escolarização, defendendo políticas públicas que estimulem uma melhoria na educação do campo. Também representa um ato de resistência, com o objetivo de defender direitos já conquistados e que constantemente são alvos de ataques. Entretanto, algumas dessas conquistas são frutos de ideologias capitalista, na qual não se prioriza a qualidade da educação, mas são ações que visam incentivar a permanência no campo para evitar que essa parcela da população migre para a cidade causando um colapso, assim para frear o aumento

Prática Pedagógica de um Professor que ensina Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

do êxodo rural estão sendo desenvolvidos projetos para preparar o homem para atuar no campo.

A literatura produzida (e.g. CALDART, 2010; LIMA; SILVA LIMA, 2018, 2020; MOLINA, 2017) tem mostrado que é importante que se construa uma educação para o campo, na qual a imagem do camponês seja valorizada e respeitada, com uma pedagogia que trabalhe com a realidade do campo e que garanta um ensino que esteja de acordo com o que é vivenciado por eles. O que significa não só qualificar profissionais para o campo, mas priorizar a formação crítica e social dos alunos, ou seja, conscientizá-los da importância que eles exercem na sociedade com sua cultura, com seu conhecimento e com sua história. Porém, para isso, precisamos de projetos pedagógicos e políticas educacionais que contemplem as características específicas do ambiente do campo, o que na prática não ocorre. Necessita-se investir em formação e capacitação para o profissional que atua nessa área, trabalhar a formação do profissional tanto em sua formação acadêmica inicial quanto na formação continuada ao longo da vida, bem como melhorar a estrutura das instituições que os atendem.

O ensino deve levar em conta os conhecimentos e a experiência de vida que esses alunos trazem para a escola, bem como estimular a valorização do homem do campo e apagar a imagem preconceituosa que se construiu de pessoas atrasadas e sem estudo. Porém, para isso, o conteúdo trabalhado na escola não pode se distanciar do dia a dia dos estudantes e o seu ensino deve estar estritamente relacionado à vida prática dos alunos. Caso isso não ocorra, eles dificilmente perceberão aquilo como algo útil para sua vida, o que pode até mesmo desestimulá-lo e o influenciar a sair da escola, levando-se em conta que o abandono escolar é também um grande desafio a ser superado. Uma das possibilidades metodológicas para o ensino de matemática na educação do campo é a modelagem matemática, que poderia integrar o currículo (VARGAS; BISOGNIN, 2020).

No contexto da Educação do Campo, ainda temos a EJA, que segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é destinada àquelas pessoas que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade ao estudo na idade adequada, seja no ensino fundamental ou médio, e que é de responsabilidade do Estado oferecer esse ensino de forma gratuita e regular. A lei também afirma que os sistemas de ensino devem assegurar a esses jovens oportunidades educacionais apropriadas, considerando as

características e as condições de vida e de trabalho do alunado.

Assim, segundo Freire (2002), no livro *Pedagogia da Autonomia*, a educação deve ser voltada para o dia a dia do aluno, no qual, segundo ele a educação deve se adequar a leitura de mundo que este traz para o ambiente escolar, cabendo ao professor ter humildade e saber escutar seus alunos a fim de compreendê-los tanto de forma profissional quanto humana. Nesse sentido, “Respeitar a leitura do mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento” (FREIRE, 2002, p. 75).

Lembrando que esse conhecimento não é transferido do professor para seu aluno, mas fruto das condições criadas pelo educador para que o aluno busque e desenvolva o seu conhecimento. Neste contexto, Freire afirma:

Ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É nesse sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. (1991, p. 77).

Trabalhar com um aluno da EJA, sendo que este possui uma visão de mundo devido sua experiência de vida, é um trabalho de extrema importância utilizar as práticas pedagógicas para o diálogo e para um compartilhamento de visão de mundo pode ser muito produtivo para a sociedade com um todo. Assim como para o professor, ou seja, ter experiências diversas em sala de aula pode torná-lo além de um profissional mais capacitado, um cidadão mais consciente de suas responsabilidades.

A exemplo disso, é comum em sala de aula o professor ser surpreendido pelo seus alunos com conhecimentos prévios que trazem de casa, e ele precisa saber converter esses conhecimentos em benefício de sua aula, para isso precisa saber escutar o aluno e compreendê-lo como um ser ativo, que possuem inquietações, dúvidas e certezas que devem ser ouvidas e discutidas.

Dessa forma, uma educação para a EJA no campo exige muito mais que um conhecimento do conteúdo a ser trabalhado, exige humildade e sabedoria para lidar com situações adversas e que geralmente retira o professor da sua zona de conforto. Apesar de existirem dificuldades, muitas vezes, elas se tornam pequenas em vista do objetivo maior que é a de oportunizar ao alunos uma qualidade de vida melhor e um espaço para que este

Prática Pedagógica de um Professor que ensina Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

desenvolva suas capacidades e contribua para a sociedade, seja no simples ato de aprender a ler e escrever ou numa capacitação para o mercado de trabalho (FORMIGOSA et al., 2020). A EJA no campo é um ambiente especial, na qual o aprendizado é recíproco, os alunos trazem para a escola um conhecimento de mundo e uma história de vida que impressiona, que encanta e que ensina.

Anteriormente havíamos mencionado que a educação do campo precisa ser voltada às especificidades e características dos jovens e adultos do campo de forma a mostrar que o que está sendo ensinado tem uma relação com a vida dos alunos. Na mesma direção segue o ensino de matemática que precisa estar contextualizado com a realidade desse público, com seu ensino voltado não só para a produção do conhecimento matemática, mas principalmente para a sua formação como cidadão.

Ao professor cabe o papel de trabalhar a matemática com o seu aluno de forma desafiadora, estigando sua curiosidade, desenvolvendo seu senso crítico. Além disso, ele precisa ter ciência que seu corpo de alunos e formados, segundo Fonseca afirma (2012, p. 14), por:

Sujeito de escolarização básica incompleta ou jamais iniciada e que ocorre aos bancos escolares na idade adulta ou na juventude. A interrupção ou o impedimento de sua trajetória escolar não lhe ocorre, porém, apenas como um episódio isolado de não acesso a um serviço, mas num contexto mais amplo de exclusão social e cultural, e que, em grande medida, condicionará também as possibilidades de reinclusão que se forjarão nessa nova (ou primeira) oportunidade de escolarização.

Nesse sentido, percebe-se que a escola precisa estar preparada para trabalhar a matemática como uma ferramenta que se bem utilizada pode facilitar a vida dos estudantes, não só ajudando a resolverem problemas do seu dia a dia, mas também entenderem de forma crítica o que é passado tanto no contexto social quanto político da sociedade. E mediada pelo professor, essa educação pode se constituir, como uma ferramenta de defesa e de valorização da identidade do homem do campo. Formigosa, Silva e Oliveira (2020), em pesquisa realizada sobre a EJA em escolas do campo, mencionam que o uso de histórias de vida dos alunos, como ponto de partida no planejamento, tem contribuído para a superação dos desafios que emergem nessas escolas, permitindo aos docentes a busca de novas repensar as metodologias de ensino.

Nessa perspectiva a prática do professor deve ser desenvolvida de maneira que possibilite a participação dos alunos através do diálogo, que busque relacionar a vida deste

aluno com o contexto da escola, uma prática que leve desafios para que os alunos pensem e reformule ideias e na qual o professor proponha atividades que estimulem a interpretação de textos com situações do dia a dia.

Assim, ao incentivar a interação com participação e diálogo do aluno, é possível conseguir uma melhora significativa na produtividade da aula, promovendo um ambiente onde o ensino de matemática seja construído tanto pelo professor quanto pelo aluno. Dessa forma, podem ser desenvolvidas atividades que trabalhem características culturais e regionais do campo, de modo a associar o conhecimento matemático ao aspectos já conhecido por eles.

Na próxima seção, apresentaremos o Assentamento Canguçu e a escola, contextos que o professor participante de estudo atua.

O Assentamento Canguçu e a Escola Municipal Emilio Zapata

O Assentamento Canguçu é fruto de lutas do Movimento Sem Terra (MST) durante o final da década de 90. Suas conquistas de posse de terra se deram durante a Marcha Nacional por Reforma Agrária, realizada em 1997, cujo um dos objetivos era protestar contra a exclusão social.

Esse assentamento tem sua história marcada por várias tentativas de ocupação de algumas terras improdutivas em fazendas que faziam parte do território da cidade de Vitória da Conquista - Bahia. A primeira ocupação aconteceu em 1997, em uma propriedade localizada nesta cidade, porém, apesar da luta e resistência, o MST foi expulso e transferido para outra área. Insatisfeitos, os trabalhadores em busca de terras para desenvolver a agricultura familiar e conseguir tirar seus sustentos ocuparam outra fazenda próxima, onde foram novamente expulsos. Apesar de vários despejos e muitas lutas, eles continuaram em buscas da conquista das terras que até então se encontravam improdutivas.

Finalmente, em 1999, o MST ocupou as terras da fazenda Canguçu, ao qual foram contemplados por meio de um decreto oficial, essa antiga fazenda, hoje o assentamento Canguçu, está localizada há cerca de quinze quilômetros do município de Barra do Choça¹ e é moradia de diversas famílias que plantam e cultivam produtos como mandioca, feijão e café. Como cada família possui uma porção significativa de terra, o cultivo de produtos da terra garante a alimentação e o sustento de todas as famílias residentes (SOARES; DONIZETE LOCATEL, 2009).

Prática Pedagógica de um Professor que ensina Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

O assentamento conta com duas escolas, uma de anos iniciais e finais do ensino fundamental chamada Escola Municipal Emiliano Zapata, escola a qual o professor entrevistado lecionava a disciplina de matemática na EJA, e outra de ensino médio e técnico chamado Colégio Estadual do Campo Lúcia Rocha Macedo que também recebe muitos alunos de povoados e comunidades vizinhas.

A Escola Municipal Emiliano Zapata, de nível fundamental, tem como um de seus objetivos uma formação de alunos com ênfase em aspectos sociais e culturais voltada para a realidade deles, e no seu currículo possui uma matéria direcionada exatamente para essas características chamada agroecologia. A escola se volta tanto para os alunos que estão na idade adequada que estudam pela tarde, quanto aos que não tiveram a oportunidade na idade certa e que estudam a noite.

No ensino noturno funciona o Programa de Aceleração de Estudos (PAE), uma proposta voltada para a EJA, que tem como objetivo corrigir a distorção de idade por ano dos alunos que estão cursando as etapas finais do Ensino Fundamental. A presença desse programa no Assentamento vem atraindo alunos de boa parte de regiões próximas cujo objetivo é o de concluir esses últimos anos escolares. A exemplo temos a presença, no ensino médio e noturno, de alunos do Povoado Cafezal, comunidade localizada próxima ao assentamento e que faz parte do município de Barra do Choça, geralmente são alunos que trabalham durante o dia e buscam uma oportunidade de melhorar sua condição de vida por meio da escola estudando a noite.

No ano de 2020, a escola contava com quatro turmas de EJA, destas, três o professor entrevistado lecionava matemática. As aulas funcionavam no período noturno e atendia alunos tanto do assentamento quanto de várias zonas rurais e povoados vizinhos. A seguir, apresentaremos a metodologia e como foi desenvolvido esse trabalho.

Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho tem como objetivo investigar como ocorre a prática pedagógica de um professor que ensina matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo. Para tal, realizou-se uma pesquisa qualitativa, que segundo Denzin e Lincoln (2006), envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Para a produção dos dados foi realizada uma entrevista, pois ela permite a “investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (GIL, 1999). A pessoa entrevistada foi um professor, que designaremos por Pitágoras, na época tinha 39 anos, formado há 12 anos na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atua há 7 anos na Educação do Campo. Mestre em Educação Matemática. No momento da escrita deste trabalho, era professor de matemática na EJA na Escola Municipal Emiliano Zapata localizada no assentamento Canguçu, zona rural de Vitória da Conquista – BA.

Para a pesquisa foi elaborado um questionário com 14 questões em que parte delas eram referentes à prática de ensino e à educação no campo. A conversa com o professor foi feita por meio de um aplicativo de mensagens, devido a pandemia da Covid-19, de forma a respeitar todas as normas de segurança propostas pelas instituições de saúde. Após a conversa realizada, os dados foram transcritos e organizados em texto, compondo uma narrativa sobre a prática em sala de aula do professor que ensina matemática na Educação de Jovens e Adultos em uma escola campesina.

Para a análise dos dados tomamos emprestado o conceito de narrativa propostos por Clandinin e Connelly (2011) ao mencionar que o objeto de estudo da pesquisa narrativa são as histórias narradas. Desse modo, o texto produzido a partir da narrativa do professor foi analisado explorando a experiência narrada e estabelecendo relações com o contexto social e cultural e com a literatura em Educação Matemática, que toma o ensino e aprendizagem matemática, a EJA e a Educação do Campo como essenciais ao processo de intersecção e diálogo. A seguir, será mostrado o resultado dessa entrevista e uma breve discussão e análise das respostas.

Análise e Discussão da Entrevista

Nesta seção apresentamos os dados, obtidos por meio de uma entrevista, que foram produzidos com o objetivo de mostrar por meio da prática em sala de aula do professor Pitágoras como funciona a EJA no campo. O professor do campo possui muita dificuldade em atuar nesse meio seja pela sua base teórico-prática, reflexo de sua formação, ou por problemas naturais da própria modalidade de ensino, diante disso, ao questionar o professor como é atuar na educação de jovens e adultos do campo, ele afirmou:

O professor da EJA, primeiramente, deve ter alguns conhecimentos necessários sobre essa modalidade de ensino, seja por meio de documentos

Prática Pedagógica de um Professor que ensina Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

oficiais, seja pelo currículo escolar, seja pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) escolar ou por meio das legislações da Educação brasileira. Esses conhecimentos permitem ao professor entender e compreender como são as realidades dos estudantes da EJA. Dessa forma, o professor conseguirá ter planejamentos que melhore a aprendizagem de seus alunos. (Professor Pitágoras, 2020).

Pela fala do professor, observamos a importância de conhecer a legislação sobre a EJA no campo. Ele acredita que esse conhecimento vai dar subsídio para o professor desenvolver suas atividades a partir do conhecimento do aluno e levar a escola a assumir um papel político e que transforme a vida da comunidade camponesa (AUAREK; VISEU, 2017). Além desses conhecimentos ainda têm as dificuldades em sala de aula, levando em conta a diversidade do público-alvo.

O professor Pitágoras ainda menciona que

Trabalhar na EJA é um desafio e é preciso ter uma boa formação para poder enfrentar os dilemas existentes com os estudantes. Digo isso porque, me deparei e me deparei com diversas realidades diferentes em sala de aula, como por exemplo, os alunos apresentam níveis de conhecimentos diferenciados. Alguns demonstram inconsistência de conhecimentos nas séries que estudam, muitos não conseguem habilidades necessárias para manusear o lápis ou a caneta para a construção de suas escritas. (Professor Pitágoras, 2020).

Dessa forma, percebe-se a necessidade por parte do professor de ter uma base sólida de experiência e conhecimentos teóricos da modalidade, sendo que muitos alunos da EJA estão carregados de dificuldades básicas. Às vezes, estão em uma série que não corresponde ao seu nível de conhecimento, o que dificulta ainda mais o aprendizado em sala de aula assim como o trabalho do professor. (FORMIGOSA et al., 2020)

Neste contexto da educação do campo, foi perguntado como ele trabalha a matemática nesse ambiente, o que chamou atenção em sua resposta foi a afirmação de que não existe por parte da escola um currículo com orientações para o professor trabalhar na EJA, além disso é um público que mesmo que o professor busque associar o conteúdo trabalhado em sala de aula com o que é vivido no campo, os alunos possuem dificuldade para fazer essa associação. Assim segundo o professor Pitágoras:

Trabalhar a Matemática na EJA tem sido um desafio. Tenho presenciado que um ano após o outro, os alunos demonstram cada vez mais falta de conhecimentos prévios sobre os conteúdos matemáticos do currículo escolar. Nesse contexto, eu procuro trabalhar com os meus alunos os conteúdos matemáticos com aqueles conhecimentos da Matemática que eles possuem. É um trabalho com as práticas sociais que os alunos já possuem, só que em muitos casos eles não conseguem compreender e relacionar esses

conhecimentos que possuem com os conteúdos proposto em sala de aula. (Professor Pitágoras, 2020).

Ou seja, para o professor Pitágoras é um desafio trabalhar matemática, pois apesar dos alunos terem um conhecimento matemático vindo de sua prática do dia a dia, adquirido ao longo da vida, possuem uma defasagem do conhecimento matemático trabalhado dentro da escola e não conseguem relacionar ambos. Ainda afirma que propõe um trabalho que traz o conhecimento do aluno para ser trabalhado dentro da sala de aula, esse fato corrobora que os resultados apresentados por Formigosa et al. (2020).

Dando prosseguimento, foi perguntado ao professor se ele chegou a participar de algum curso de formação ou capacitação em educação do campo na EJA. A resposta foi que não, apenas cursou uma disciplina que trabalha com a EJA; de fato, isso reflete a realidade que ainda vivemos e que dificulta os processos de ensino e de aprendizagem. Estudos (LIMA; SILVA LIMA, 2018; 2020) mostram que professor aprende por meio da prática, pois a teoria não é suficiente. Sobre essa questão:

No tempo que estive cursando a Licenciatura em Matemática nunca participei de qualquer curso de formação sobre a EJA. Sempre senti falta de incentivos, por parte do departamento e do colegiado de Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), propostas que viabilizassem cursos de formação aos alunos. (Professor Pitágoras, 2020)

Podemos perceber, pela fala do professor, que ele não teve nenhum curso de formação continuada bem como nenhum incentivo do colegiado do curso para cursos de formação ou capacitação na EJA, apenas teve disciplinas na graduação que trabalhou sobre o tema. Segundo Libâneo (2004, p. 227) “[...] a formação continuada é o prolongamento da formação inicial visando um aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho, e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional”. Com isso temos a importância de se ter um profissional atualizado e mais preparado para os desafios da profissão. Ainda segundo Pitágoras:

Na época, fiz a disciplina de Estádio IV que era destinada à formação dos alunos sobre a EJA. Contudo, achei muita pouca coisa [tempo] pra muitas coisas, ou seja, aprendi muito pouco para aplicar na prática, em sala de aula com os alunos da EJA. Além disso, a carga horária do curso, me parece que era de 45 horas. (Professor Pitágoras, 2020).

Existe na matriz curricular dos cursos de licenciatura em algumas universidades, como na UESB, a disciplina EJA, que é uma matéria optativa, ou seja, o aluno pode escolher

Prática Pedagógica de um Professor que ensina Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

cursar ou não, e que possui uma carga horária de 60 horas. Para o estudante que desejar conhecer um pouco mais dessa modalidade é uma alternativa viável, na qual segundo relatos de colegas que cursaram, pode ajudar com uma considerável base teórica, introduzindo o estudante nessa modalidade de ensino. Ainda cabe ressaltar que a formação para a educação do campo também não é contemplada pela proposta curricular do curso de licenciatura em Matemática da UESB.

Por fim, perguntamos o que poderia ser feito pela escola e pela sociedade para melhorar a qualidade da educação no campo. O que se observa na resposta é a necessidade que diz respeito à formação do professor para atuar na EJA. De acordo com Gadotti (2011), a formação de professores para a modalidade deve estar pautada em alguns elementos:

[...] reconhecer o papel indispensável do educador bem formado; reconhecer e reafirmar a diversidade de experiências; reconhecer a importância da EJA para a cidadania, o trabalho, a renda e o desenvolvimento; reconceituar a EJA como um processo permanente de aprendizagem do adulto; e resgatar a tradição de luta política da EJA pela democracia e pela justiça social (GADOTTI, 2011, p. 47).

Precisa-se conhecer a modalidade na qual o profissional irá atuar, o professor tem que reconhecer que seu público possui características diferentes das crianças e necessita de propostas e planejamentos coerentes voltado a sua realidade.

Acredito que para a melhoria da EJA seja de suma responsabilidade da Secretaria de Educação. A escola sem esse suporte pouco pode fazer para melhorar a qualidade de ensino da EJA. Penso que poderia haver cursos de formação continuada para os professores, reforma da proposta curricular e planejamentos de ensino diferenciados, ou seja, planejamentos que valorizem os conhecimentos que os alunos possuem. Vale lembrar que existem as carências de muitas escolas por equipamentos e recursos pedagógicos nas escolas, para promover a melhoria do ensino e da aprendizagem. (Professor Pitágoras, 2020)

Assim, observa-se, na compreensão do professor, um conjunto de ações que podem ser tomadas para viabilizar um projeto pedagógico que contemple as necessidades da EJA e que ajude o professor na difícil, mas não impossível, tarefa de desenvolver uma educação em que trabalhem o conteúdo na perspectiva do aluno. Para ele, a Secretaria de Educação possui papel importante nesse processo e, se somado, a projetos de formação continuada para os professores e propostas curriculares ideais, isso poderia contribuir significativamente para a melhoria do ensino na EJA e na educação do campo.

Chama a atenção em todas as respostas do Professor a necessidade de se considerar os conhecimentos que os alunos possuem, de tomá-los como base para trabalhar o

conteúdo escolar dentro da perspectiva do conhecimento de mundo que o aluno possui. Conseguir construir uma educação que contemple essas características é certamente um dos grandes objetivos da educação do campo e que certamente está cada vez mais perto de se alcançar, apesar de parecer distante. Também, nota-se, na narrativa do professor, poucas expressões referentes à compreensão da educação do campo como modalidade integrante do sistema educacional e de sua prática, enquanto professor que atua na educação matemática de jovens e adultos do campo.

Considerações Finais

Este artigo teve o objetivo de investigar como ocorre a prática pedagógica de um professor que leciona matemática na EJA em uma escola do campo. Na entrevista, foi possível observar algumas características e alguns desafios dessa modalidade e por meio dela a descrição da prática em sala de aula do professor Pitágoras.

A partir da análise da narrativa destacamos alguns pontos considerados importantes à prática do professor que ensina matemática na EJA em uma escola do campo: a) dificuldades no início da atuação profissional por não conhecer normativas e documentos de orientação curricular tanto sobre a EJA quanto sobre a educação do campo; b) desafio em contextualizar o conteúdo matemático a ser trabalhado e falta de conhecimento prévio dos estudantes; essa questão talvez ocorra por uma formação inicial centrada em conteúdos, sem explorar possibilidades de aplicação desse no contexto social, e, ainda, a falta de formação continuada voltada especificamente para o trabalho nessa modalidade; c) investimentos na EJA, sabemos que estes precisam ocorrer tanto na formação de professores quanto na organização curricular, pedagógica e administrativa da escola; é preciso compreender que o fazer pedagógico e os materiais são diferentes para essa etapa, e que a contextualização é a mola mestra para significar os saberes e as experiências que os estudantes trazem consigo.

Dessa maneira, ao discutir sobre a prática em sala de aula e questões voltadas para a educação da EJA no campo possibilitou mostrar que apesar do preconceito e do desinteresse das autoridades responsáveis, podemos e devemos dialogar e nos organizar para exigir uma educação digna e igual para todos.

Portanto, a narrativa experienciada pelo docente revelou a existência de alguns desafios, que podem ser e estar presentes também em outras localidades, a serem

Prática Pedagógica de um Professor que ensina Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo

superados. Dentre os quais, destacamos a ausência de uma formação adequada, de propostas educacionais voltadas para a EJA no campo e de uma formação continuada que mantenha o profissional atualizado das mudanças sociais e o torne mais preparado para desenvolver um trabalho cada vez mais coerente com a realidade dos alunos. Enfim, com este trabalho buscamos mostrar um pouco dessa realidade para o leitor, discutindo, e refletindo sobre alguns de seus desafios e de suas características.

Referências

AUAREK, W.; VISEU, F. Formação inicial do professor de matemática para escolas do Campo: 'olhares' da comunidade campezina. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, Florianópolis, V. 12, n. 2, p. 247-261, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1981-1322.2017v12n2p247>. Acesso em: 28 abril 2020.

CALDART, R. S. Desafios à transformação da forma escolar. In: CALDART, R. S. (Org.). *Caminhos para a transformação da escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FONSECA, M. C. F. R. *Educação Matemática de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FORMIGOSA, M. M.; SILVA, B. DAS G. S; OLIVEIRA, M. R D. O ensino de matemática com jovens e adultos em uma escola do campo na Amazônia. *Revista Eletrônica de Educação Matemática*, Florianópolis, V. 15, n.1, p. 01-21, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão escolar: teoria e prática*. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, A. S.; SILVA LIMA, I. M. (2019). Diálogo, investigação e criticidade em um curso de licenciatura em educação do campo. *REMATEC*, V. 14, p. 32, p. 67-79, 2019.

LIMA, A. S.; SILVA LIMA, I. M. S. Diálogo, Investigação e Criticidade na Formação de Professores de Matemática em uma Licenciatura em Educação do Campo. In: VII Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática -VII SIPEM, 2018, Foz do Iguaçu -PR. *Anais...* São Paulo: SBEM.1-12, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1996. Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf. Acesso em: out. 2020.

MOLINA, M. Contribuições das licenciaturas em educação do campo para as políticas de formação de educadores. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, V.38 (140), p. 587-609, 2017.

MUNARIN, A. Educação do Campo, desafios teóricos e práticos. In: MUNARIN, A. et al. *Educação do Campo: Reflexões e Perspectivas*, Florianópolis: Insular, 2010.

SANTOS, V. M. A matemática escolar, o aluno e o professor: paradoxos aparentes e polarizações em discussão. *Cadernos CEDES [online]*. V. 28(74), p. 25-38, 2008.

SOARES, V. O.; DONIZETE LOCATEL, C. A Territorialização da Reforma Agrária em Barra do Choça: Os assentamentos Mocambo, Canguçu e Pátria Livre. *Revista Geográfica de América Central*, V. 2 (47E), 2009.

SOUZA, S; YAEGASHI, S. F. R.; ROJAS, C. A. B.; GASPARIN, J. L. Representações sociais sobre ensino e aprendizagem de matemática identificadas nas produções científicas brasileiras desenvolvidas no período de 2014-2018. *Imagens Da Educação*, V. 11, n. 1, p. 198-219, 2021.

VARGAS, A. F.; BISOGNIN, E. Aspectos curriculares da educação do campo e a modelagem matemática: relações possíveis. *Revista Eletrônica de Educação Matemática*, Florianópolis, V. 15, n.1, p. 01-17, 2020.

Nota

ⁱ A cidade de Barra do Choça é um município do estado da Bahia, localizado a 27 km da cidade de Vitória da Conquista e à 524 km de Salvador.

Sobre os autores

Vinicius Ramos Nascimento

Graduando em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Email: viniramos950@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8887-6995>

Jonson Ney Dias da Silva

Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) / Rio Claro, graduado em Licenciatura em matemática pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor da área de Educação Matemática do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É líder do Grupo de Articulação, Investigação e Pesquisa em Educação (GAIPEM), certificado pelo CNPq junto à UESB. Email: jonson.dias@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9575-2648>

Joubert Lima Ferreira

Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pelas Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), graduado em Licenciatura em Matemática pela UEFS. Professor da área de Educação Matemática do Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias na Universidade Federal do Oeste da Bahia. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) e no Mestrado Profissional em Matemática (PROFMAT), nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Matemática. É líder do Laboratório de Inovação e Pesquisa em Educação Matemática (LIPEM), certificado pelo CNPq junto à UFOB. Email: joubert.ferreira@ufob.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4610-4740>

Recebido em: 26/08/2021

Aceito para publicação em: 02/11/2021